

Consumo de Energia Elétrica	Agosto de 2011	Consumo na Rede		Mercado Livre	
		TWh	Var.%	TWh	Var.%
Brasil	No mês	▲ 36,1	4,1	▲ 9,7	5,9
	Em 12 meses	▲ 425,6	4,3	▲ 111,0	10,6

CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NO PAÍS CRESCE 4,1% EM AGOSTO

O consumo nacional de energia elétrica na rede em agosto somou 36.112 gigawatts-hora (GWh), 4,1% acima do registrado em igual mês de 2010. Os dados acumulados indicam incremento de 3,7% no período janeiro-agosto e de 4,3% em 12 meses, taxa esta que vem caindo regularmente desde novembro de 2010, influenciada principalmente pelo comportamento do consumo na classe industrial.

Em agosto de 2011, o consumo industrial nacional de energia elétrica na rede totalizou 15.850 GWh, o maior valor do ano até o momento, com aumento de 2,5% sobre o mesmo mês de 2010. Houve crescimento em todas as classes de consumo, sobressaindo a comercial (8,0%) e a residencial (4,8%).

CONSUMO RESIDENCIAL CRESCE FORTE NO NORDESTE EM AGOSTO

Metade do acréscimo do consumo total na região foi explicado pelo uso de aparelhos elétricos nas residências e iluminação.

No Nordeste, os estados que mais contribuíram para o resultado positivo foram Bahia, Pernambuco e Ceará. Na Bahia, o fator clima (temperaturas máximas maiores e volume menor de chuva do que a média do mês) influenciou de forma significativa o consumo de energia no estado, que cresceu 7%. Pernambuco (9,9%) e Ceará (10,9%) cresceram acima da taxa regional (8,3%). A taxa de Pernambuco é explicada em parte pela base de comparação mais baixa (em agosto de 2010, a taxa foi negativa), e também pelo incremento no consumo da ilha de Fernando de Noronha - na temporada de férias, as residências locais acomodam turistas. Para o estado do Ceará, de acordo com informações prestadas pela concessionária local, dias a mais de faturamento justificam o crescimento verificado.

Continua na pág. 2

CONSUMO COMERCIAL CONTINUA VIGOROSO

As regiões Norte e Centro-Oeste apresentaram taxa de crescimento de dois dígitos na classe comercial em agosto.

O crescimento de 8% no consumo de energia confirma mais uma vez o vigor apresentado por esse setor econômico. No volume acumulado até agosto, a energia consumida pelo setor, totalizando 48,6 TWh, cresceu 6,3%, a maior taxa entre as classes de consumo.

A expansão significativa do volume de vendas do comércio ao longo de 2011 tem alimentado as estatísticas do setor. Por exemplo, de janeiro a julho, o volume de vendas do comércio ampliado, que inclui segmento de Veículos e Material de construção, cresceu 9% face o mesmo período de 2010 (PMC, IBGE).

O Centro-oeste foi a região onde o consumo de energia na classe comercial mais cresceu em termos relativos (15%).

Continua na pág. 2

NO NORDESTE, CONSUMO INDUSTRIAL CRESCE 1,9% EM AGOSTO

Foi a primeira vez no ano que a taxa fica positiva. Os dados acumulados ainda mostram taxa de -3,3% até agosto e de -1,1% em 12 meses.

O consumo industrial no Nordeste em agosto totalizou 2.549 GWh, registrando taxa de 1,9% ante o mesmo mês de 2010, sendo este o primeiro resultado positivo no ano. É um resultado importante, mesmo sabendo-se da baixa base de comparação: em agosto do ano passado, indústrias de porte haviam suspenso a produção, por determinado tempo, para manutenção de máquinas.

Com taxas acima da média regional, os destaques foram Pernambuco (8,2%), Maranhão (5,5%) e Ceará (4,9%) que, juntos, concentraram 46% do consumo industrial regional. Apesar de melhorarem seus resultados, Bahia e Alagoas seguiram com variação negativa, respectivamente -2,0% e -4,4%. Na Bahia, o ramo metalúrgico apontou decréscimo da

Continua na pág. 2

“Crescimento do nº de consumidores responde por 67% da variação do consumo residencial entre 2005 e 2010”

LEIA NO BOX DA PÁGINA 3

Nota:

Houve revisão nas estatísticas de consumo da região Sul, entre maio e agosto de 2011, afetando positivamente as taxas de crescimento da região.



Residencial (continuação)

Na região Sudeste, o Rio de Janeiro contribuiu com maior parcela, 60,6 GWh, e o Espírito Santo teve maior taxa de crescimento (15,7%). Para ambos, no entanto, deve ser considerado que a comparação está sendo feita em base depreciada; em agosto do ano passado, Rio de Janeiro teve incremento tímido e Espírito Santo apresentou taxa negativa. Além da diferença na quantidade de dias faturados, o consumo capixaba foi afetado pelo clima em condições fora da média histórica - temperatura acima e chuva em volume menor. O consumo em São Paulo, cujo peso corresponde a 3/5 do consumo regional na classe, cresceu 1,6%, influenciando para que o Sudeste crescesse abaixo da taxa do país.

No Sul, o Paraná registrou o maior crescimento do consumo residencial (5,3%), o único acima da média regional (3,3%). Santa Catarina consumiu 364 GWh, valor apenas 0,7% superior ao do ano passado, para o que contribuiu a reclassificação de condomínios residenciais para a classe comercial, atendendo à Resolução 414/2010 da Aneel. Já no Rio Grande do Sul, embora também sob a influência da Resolução 414/2010, o clima frio (com episódios de geada ao longo do mês) levou a uma utilização mais intensa de aparelhos elétricos para aquecimento de ambientes, contribuindo para o crescimento de 3,2%.

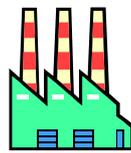
Clima seco, baixos índices de umidade e temperaturas elevadas no estado do Mato Grosso resultaram na taxa de crescimento de 14,3%, também em função do uso da eletricidade para climatização. ■



Comercial (continuação)

O destaque foi o estado de Mato Grosso (21,2%) onde, em agosto, 1.161 empregos foram criados no setor de Serviços (40% do total estadual). Também a temperatura contribuiu para incrementar o consumo de energia verificado para a classe comercial do estado. O Distrito Federal também cresceu acima da taxa regional (16,8%), em função da ampliação da base de consumidores, incluindo unidades de alto padrão de consumo como shopping centers e redes atacadistas. De modo geral, a atividade econômica relativa a comércio e serviços vem se expandindo na região, refletindo no consumo de energia elétrica. Situação semelhante é observada também em Goiás e Mato Grosso do Sul.

Na região Sul, Santa Catarina ampliou o consumo de energia em 13,6% em consequência do bom desempenho do setor e da abertura de novos empreendimentos comerciais - de agosto de 2010 a julho de 2011, as vendas em seu comércio varejista cresceram 10,4% (PMC, IBGE). De modo análogo, observa-se que, no Sudeste, o Espírito Santo apresentou a maior taxa de crescimento no consumo de energia (13,6%), enquanto que o volume de vendas no estado cresceu 23,3%. ■



Industrial (continuação)

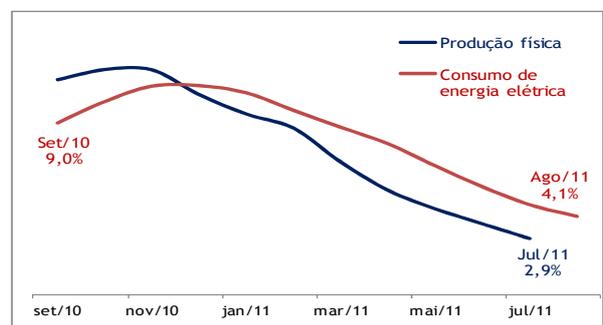
ordem de 25%, em função da desativação da Novelis e de retração no segmento de ferro-ligas. Já em Alagoas, o consumo aumentou de patamar após a normalização da produção da BRASKEM, mas ainda não atingiu o nível do ano passado.

A região Sudeste registrou taxa de 0,8%, repetindo o baixo patamar de crescimento observado nos últimos meses (no acumulado de junho a agosto, a taxa média foi de 0,6%). Além da redução (-6,9%) do consumo no Rio de Janeiro em função da normalização da geração própria de indústria siderúrgica, observa-se a manutenção de ritmo moderado de expansão do consumo nos demais estados da região. São Paulo e Minas Gerais registraram taxas respectivas de apenas 1,1% e 2,0% em agosto.

No Sul, o incremento no mês foi de 4,5%. Paraná (5,4%) e Rio Grande do Sul (4,7%) cresceram acima da média regional, enquanto em Santa Catarina o acréscimo foi de 3,2%. A região Centro-Oeste continuou apresentando crescimento elevado (15,0%) reflexo, em grande parte, do resultado em Goiás (19,4%), onde ocorreu entrada de nova indústria de mineração. O Mato Grosso também apresentou incremento no patamar de 19%, efeito combinado de base baixa de comparação e de melhora nas atividades do ramo de produtos alimentícios (frigoríficos).

A combinação dos resultados regionais revela uma desaceleração no ritmo de crescimento do consumo em nível nacional, em conformidade com a trajetória de evolução da atividade industrial (Gráfico 1). Ressalta-se o peso do baixo desempenho apresentado pelos estados de São Paulo e Minas Gerais, os dois maiores mercados industriais do país (em torno de 48% do total da classe). Indicador da atividade industrial, a geração de vagas formais na indústria vem ocorrendo de forma mais moderada nos últimos meses. De acordo com o Ministério do Trabalho, de janeiro a agosto de 2011 foram criados

Gráfico 1. Brasil. Taxas de crescimento em 12 meses (%)



345 mil postos na indústria, volume 33% inferior ao do mesmo período de 2010 (equivalendo a menos 173 mil postos). Os dados recentemente divulgados pela FIESP confirmam a tendência de moderação no emprego. Segundo a Federação, na passagem de julho para agosto, a indústria paulista registrou fechamento de 13 mil vagas, o que equivale a uma redução de 0,5% levando em conta os efeitos sazonais. ■

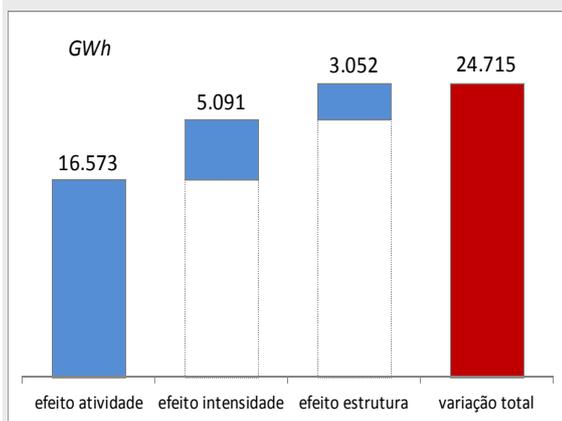
Crescimento do nº de consumidores responde por 67% da variação do consumo residencial entre 2005 e 2010

O consumo residencial de eletricidade no Brasil cresceu significativamente nos últimos anos. Entre 2005 e 2010, a taxa média de expansão desta classe foi de 5,3% ao ano. O consumo por consumidor residencial passou de 144 para 157 kWh/mês no período. Por trás desta expansão do consumo está não apenas o incremento de novos consumidores na rede, que evoluiu de 48,6 milhões para 58 milhões no período em questão (em média 3,6% ao ano), como também o aumento do consumo por residência, especialmente nas residências de mais baixa renda.

De fato, o consumo médio na Baixa Renda passou de 63 para 72 kWh/consumidor/mês entre 2005 e 2010, correspondendo a um crescimento médio de 2,9% ao ano, bem superior ao observado na categoria Convencional que passou de 187 para 194 kWh/consumidor/mês, incremento anual de 0,8%. Por outro lado, a expansão do número de consumidores se deu de modo mais lento na Baixa Renda (1,3% ao ano em média) do que na categoria Convencional (taxa média de 4,8% ao ano). Estes dois fatos conjugados sugerem a ocorrência de migração de consumidores, das faixas de mais baixo consumo para faixas de consumo intermediárias (categoria Convencional).

A decomposição da variação do consumo residencial entre 2005 e 2010 em seus efeitos explicativos (quais sejam: atividade, estrutura e intensidade) confirma a hipótese de migração entre as categorias de consumo (Gráfico 1). Define-se aqui como efeito atividade aquele que explica a variação do consumo residencial em termos da variação do número de domicílios com acesso à energia elétrica (número de consumidores). O efeito intensidade, por sua vez, explica a variação do consumo residencial em termos da variação do consumo por consumidor. Finalmente, o efeito estrutura explica as variações do consumo residencial de energia elétrica em termos de modificações na participação do número de consumidores de baixa renda e convencionais no total.

Gráfico 1. Decomposição da variação do consumo residencial (GWh) de energia elétrica em seus efeitos explicativos. Brasil, 2005-2010.



Fonte: EPE

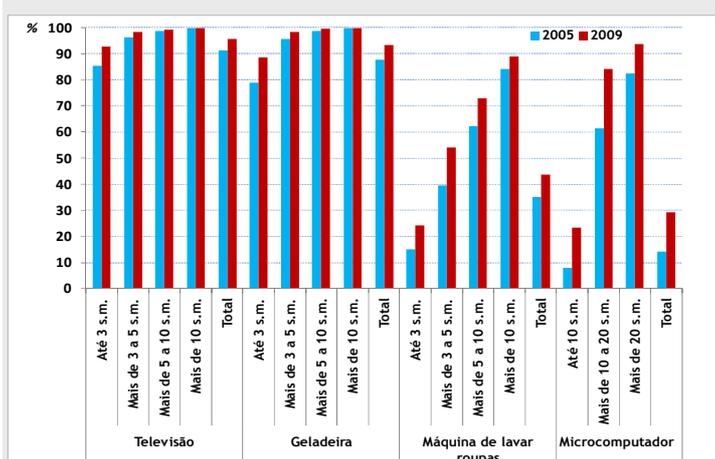
Embora a expansão do número de consumidores (efeito atividade) tenha contribuído em maior medida para o aumento do consumo de energia elétrica observado no período 2005-2010, este também foi fruto de uma maior intensidade no uso por residência (efeito intensidade) e da migração de consumidores da Baixa Renda para a categoria Convencional (efeito estrutura).

Assim, os efeitos intensidade e estrutura positivos decorrem das condições macroeconômicas favoráveis, que estimulam a aquisição de eletrodomésticos pela população, especialmente entre as camadas de mais baixa renda, alterando o nível de consumo de uma residência típica e sua estrutura de uso. A penetração de eletrodomésticos para usos distintos nas residências tem crescido nos últimos anos. O aumento da participação de condicionadores de ar no consumo residencial de energia elétrica, por exemplo, pode alterar significativamente o consumo de uma residência. Um simples exercício, considerando uma casa que consome 157 kWh/mês sem a utilização de ar condicionado, mostra que o consumo pode aumentar até 114 kWh em um mês (no caso de utilização de 8 horas por dia, durante 30 dias e com o compressor funcionando 50% do tempo), o que representa um aumento da conta de luz da ordem de 73%.

É não apenas a aquisição de eletrodomésticos mais tradicionais (como geladeiras, condicionadores de ar, televisores, máquinas de lavar roupas etc) tem crescido, como também a participação de outros usos da eletricidade, que incluem equipamentos mais modernos como microcomputadores, impressoras, dentre outros.

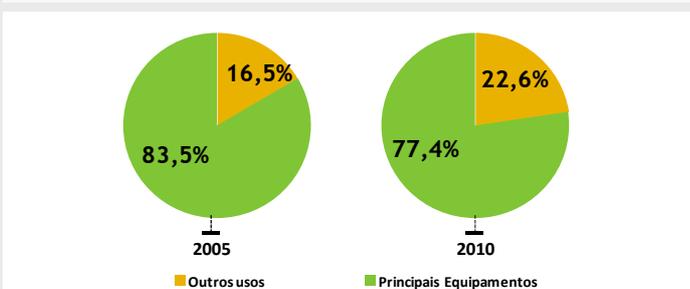
De fato, os outros usos da eletricidade nas residências, cuja participação situou-se em 16,5% do consumo residencial em 2005, tem aumentado nos últimos anos, passando a responder por 22,6% em 2010, impulsionado pela incorporação de novos eletrodomésticos.■

Gráfico 2. Brasil. Posse de eletrodomésticos (%) por classes de rendimento mensal (salários mínimos), 2005 e 2009.



Fonte: IBGE

Gráfico 3. Brasil. Consumo residencial de eletricidade por uso final (%), 2005 e 2010.



Principais equipamentos: geladeira, freezer, lâmpadas, chuveiro elétrico, televisão, máquina de lavar roupas e condicionador de ar. Outros usos: conjunto de equipamentos elétricos e eletroeletrônicos utilizados nos domicílios com diversas finalidades (e não englobados na categoria anterior) tais como microcomputadores, aparelhos de DVD, aparelhos de telefone sem fio, decodificadores (setup boxes), dentre outros.

Fonte: EPE

ESTATÍSTICA DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA (GWh)

REGIÃO/CLASSE	EM AGOSTO			ATÉ AGOSTO			12 MESES		
	2011	2010	%	2011	2010	%	2011	2010	%
BRASIL	36.112	34.674	4,1	284.362	274.088	3,7	425.551	407.964	4,3
RESIDENCIAL	9.233	8.812	4,8	74.385	71.095	4,6	110.504	105.550	4,7
INDUSTRIAL	15.850	15.456	2,5	121.472	118.154	2,8	182.796	175.576	4,1
COMERCIAL	5.886	5.451	8,0	48.559	45.661	6,3	72.069	68.316	5,5
OUTROS	5.144	4.954	3,8	39.947	39.179	2,0	60.182	58.522	2,8
CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA									
SISTEMAS ISOLADOS	635	585	8,6	4.621	4.413	4,7	7.045	7.104	-0,8
NORTE INTERLIGADO	2.586	2.452	5,5	19.620	18.718	4,8	29.421	27.880	5,5
NORDESTE	5.029	4.825	4,2	39.155	39.238	-0,2	59.482	58.514	1,7
SUDESTE/C.OESTE	21.840	21.094	3,5	172.495	165.077	4,5	258.212	245.689	5,1
SUL	6.021	5.719	5,3	48.471	46.643	3,9	71.392	68.778	3,8
REGIÕES GEOGRÁFICAS									
NORTE	2.400	2.230	7,7	18.024	17.103	5,4	27.157	25.583	6,2
RESIDENCIAL	542	492	10,0	3.960	3.816	3,8	6.067	5.727	5,9
INDUSTRIAL	1.226	1.147	6,9	9.394	8.718	7,8	13.941	12.947	7,7
COMERCIAL	325	294	10,7	2.376	2.250	5,6	3.616	3.396	6,5
OUTROS	307	296	3,6	2.294	2.320	-1,1	3.534	3.512	0,6
NORDESTE	6.088	5.833	4,4	47.127	46.871	0,5	71.446	69.906	2,2
RESIDENCIAL	1.639	1.513	8,3	13.268	12.702	4,5	19.851	18.727	6,0
INDUSTRIAL	2.549	2.502	1,9	19.034	19.681	-3,3	28.941	29.271	-1,1
COMERCIAL	875	809	8,1	7.024	6.745	4,1	10.585	10.082	5,0
OUTROS	1.026	1.009	1,7	7.801	7.742	0,8	12.070	11.827	2,1
SUDESTE	19.156	18.653	2,7	152.285	146.175	4,2	228.086	217.811	4,7
RESIDENCIAL	4.840	4.674	3,6	39.567	37.628	5,2	58.619	56.088	4,5
INDUSTRIAL	8.761	8.695	0,8	67.837	65.808	3,1	102.534	97.684	5,0
COMERCIAL	3.189	3.002	6,2	26.799	25.203	6,3	39.752	37.860	5,0
OUTROS	2.365	2.282	3,6	18.082	17.535	3,1	27.182	26.180	3,8
SUL	6.021	5.719	5,3	48.471	46.643	3,9	71.392	68.778	3,8
RESIDENCIAL	1.504	1.455	3,3	11.999	11.585	3,6	17.535	17.016	3,1
INDUSTRIAL	2.651	2.537	4,5	20.321	19.586	3,8	30.312	29.072	4,3
COMERCIAL	1.001	915	9,3	8.449	7.884	7,2	12.298	11.608	5,9
OUTROS	866	811	6,8	7.702	7.589	1,5	11.247	11.082	1,5
CENTRO-OESTE	2.446	2.240	9,2	18.456	17.297	6,7	27.470	25.887	6,1
RESIDENCIAL	709	678	4,6	5.590	5.364	4,2	8.432	7.993	5,5
INDUSTRIAL	661	575	15,0	4.885	4.360	12,0	7.069	6.603	7,1
COMERCIAL	495	431	15,0	3.912	3.579	9,3	5.819	5.370	8,4
OUTROS	580	556	4,4	4.068	3.993	1,9	6.149	5.920	3,9

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento de Mercado de Energia Elétrica - COPAM/EPE. Dados preliminares.

 <p>RESENHA Mensal do Mercado de Energia Elétrica</p>	<p>Coordenação Geral Maurício Tiomno Tolmasquim Amílcar Gonçalves Guerreiro</p>	<p>Equipe Técnica Carla da Costa Lopes Achão (coordenação de Economia e Estatística) Emílio Hiroshi Matsumura Gustavo Naciff de Andrade Inah Rosa Borges de Holanda José Manuel David Leyla Adriana Ferreira da Silva Luiz Claudio Orleans Simone Saviolo Rocha</p>
<p>Publicação da Diretoria de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais da EPE</p> 	<p>Coordenação Executiva Ricardo Gorini de Oliveira</p>	<p>Assessoria de Comunicação e Imprensa Oldon Machado</p>